

Redes sociais, ciberativismo e grupos marginalizados: reconhecimento do campo a partir da teoria Folkcomunicação¹

Betania Maciel²

RESUMO

Ampliar o alcance dos estudos folkcomunicaçãois na era da informação mediada pela tecnologia é a perspectiva que delineamos neste manifesto de pesquisa, a partir do reconhecimento das tendências de manifestações próprias de culturas subalternas emergentes, explorando as performances de agentes que através das redes sociais divulgam seu trabalho, influenciam grupos e moldam formas de atuar na sociedade. Assim, diante dos grupos marginalizados organizados pelo ciberativismo, exploramos as bases conceituais no debate contemporâneo sobre as intersubjetividades, memória social, identidade, gênero, sexualidade, diversidade cultural, imaginário, discurso e linguagem, com especial enfoque nas teorias da decolonialidade, que possam ser interpretadas pelo viés da Folkcomunicação, entendida como intermediadora entre a comunicação de massa e as culturas populares. Ao explorar este campo, também delineamos premissas e guias norteadoras para a pesquisa interdisciplinar necessária para compreender e fomentar este fenômeno. Os produtos culturais mediados pelas redes sociais, a maior liberdade de expressão e circulação ampla de informações, apesar dos contrapontos e reações da cultura hegemônica, acenam com uma maior visibilidade de representação por parte destes grupos.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Ciberativismo; Cidadania; Redes Sociais; Inclusão Social.

Social networks, cyber-activism and marginalized groups: recognition of the field based on Folkcommunication theory

ABSTRACT

¹ Resumo expandido submetido à DTI Folkcomunicação (DTI 13) do XV Congresso IBERCOM, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017.

² Doutora em Comunicação Social. Pesquisadora do POSMEX – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora da Faculdade Integrada de Pernambuco – FACIPE e integrante do Núcleo Interdisciplinar de Pós-Graduação FACIPE (NUFA), desta mesma instituição. Correio eletrônico: betaniamaciel@gmail.com

To broaden the scope of Folkcommunication studies in the age of technology mediated information is our research manifesto premise, based upon recognizing emerging and subordinate cultures manifestations and the performance agents that give visibility to them through social networks and thus imprint their influence upon social groups and mold social behavior. Therefore, by identifying marginalized groups organized by cyber activism, we explore the conceptual foundations of the contemporary debate on intersubjectivity, social memory, identity, gender, sexuality, cultural diversity, “social imagery”, language and discourse with special focus in decoloniality theories that may be interpreted by means of Folkcommunication, understood as a mediator between mass communication and popular cultures. By exploring this field, we also delineate some guiding premises for interdisciplinary research, necessary to fully comprehend these phenomena. The representation expressed in social networks, the freedom of expression and the wide flow of information, despite of the hegemonic culture reactions, signal with an augmented visibility on behalf of these groups.

KEY-WORDS

Folkcommunication; Cyber activism; Citizenship; Social networks; Social inclusion.

Introdução

Na atualidade, o estudo da representação vivenciada pelas redes sociais, a liberdade de expressão e circulação ampla de informações nos possibilita vivenciar uma nova ordem ontológica. Viver conectado às redes sociais é muito mais que postar, do que curtir e comentar novas experiências, num mundo onde todos estão conectados e nada passa despercebido. A convivência *online* aproxima as pessoas e abre novos horizontes de conhecimento, além do cotidiano. Porém, ao fazê-lo também apresenta um potencial de conflito, entre diversas formas de ser, pensar e agir, uma vez que uma comunidade antes hegemônica e localizada se vê confrontada pelo ciberativismo dos grupos marginalizados, situados em um contexto democrático.

O universo das redes sociais multiplicou de forma exponencial as produções culturais pelos mais diversos grupos, sendo sua divulgação caracterizada pelo consumo imediato, pelo debate e discussão e pela chamada viralização nas redes sociais. Assim, a visualização de determinadas postagens são reflexos do processo de inclusão dos temas e pessoas sobre os problemas contemporâneos nas classes excluídas socialmente; é neste sentido que propomos a utilização do referencial teórico da Folkcomunicação para o estudo e análise deste campo de representações criado pelas redes sociais e pelo ciberativismo.

Dos grupos marginalizados e sua visibilidade comunicativa

No trânsito de informações que retroalimentam uma temática que poderíamos definir como “Folkcomunicação, Cidadania e Inclusão Social”³, convergem os cenários rurais e urbanos, que se relacionam e se complementam na perspectiva do desenvolvimento local. Portanto, uma abordagem comunicacional desenvolvida na universidade brasileira e uma abordagem crítica da cidadania/inclusão social desenvolvida na contemporaneidade. As abordagens teóricas da Folkcomunicação, a partir da realidade brasileira, tanto em contextos rurais heterogêneos, como em cenários da cultura dos contextos populares urbanos e rurais, cidadania inclusão social e apresentam pautas e questões que fazem convergir interesses entre Folkcomunicação e comunicação de massa.

A perspectiva teórica da Folkcomunicação entre as matrizes teóricas que constituem a pesquisa em comunicação, emerge no final da década de 1960 como desdobramento dos modelos psicossociais da *mass communication research* norte-americana, mas dela se distanciando conforme busca pautar questões singulares da polifônica realidade brasileira. Diante das possibilidades de se constituir a pesquisa no campo da Comunicação, que considera metodologias diversas, a Folkcomunicação busca sua especificidade teórico-metodológica na medida em que enfatiza práticas comunicacionais socialmente marginalizadas: o folclore diante dos processos de modernização midiática e as dinâmicas comunicacionais em distintas praticas culturais.

Em vez de se pautar exclusivamente (ou majoritariamente) pelos veículos de comunicação de massa e sua correlata cultura de massa, a Folkcomunicação vai atentar-se e dedicar-se aos aspectos que escapam do *mainstream* midiático, ou seja, dedicar-se às formas culturais de pouca visibilidade (sem agenda) nos sistemas hegemônicos de comunicação, mas que constituem o cotidiano e ambiente simbólico de amplas faixas populacionais, enfaticamente das populações marginalizadas.

³ Este foi o tema da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada em Recife entre os dias 3 e 5 de maio de 2017.

Cabe ressaltar que sendo a Folkcomunicação considerada um campo inovador de pesquisa latino-americana no âmbito das Ciências da Comunicação ao se constituir mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, atuando em fluxos bidirecionais e em ações sedimentares de processos de hibridação simbólica:

[...] a comunicação da cultura depende menos da quantidade de informação circulante do que da capacidade de apropriação que ela mobiliza, isto é, da ativação da competência cultural das comunidades. [...] O comunicador deixa, portanto, de figurar como intermediário – aquele que se instala na divisão social e, em vez de trabalhar para abolir as barreiras que reforçam a exclusão, defende o seu ofício: uma comunicação na qual os emissores-criadores continuem sendo uma pequena elite e as minorias continuem sendo meros receptores e espectadores resignados – para assumir o papel de mediador: aquele que torna explícita a relação entre diferença cultural e desigualdade social, entre diferença e ocasião de domínio e a partir daí trabalha para fazer possível uma comunicação que diminua o espaço das exclusões ao aumentar mais o número de emissores e criadores do que o dos meros consumidores (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 69).

Numa perspectiva interdisciplinar, propomos delinear um campo de pesquisa a partir de diretrizes teóricas e práticas que respondam às demandas socioculturais, tendo em vista assimetrias e exclusões educacionais, sociais, culturais, linguísticas, jurídicas, econômicas e da saúde, historicamente presentes. Até os dias atuais a *diferença* continua sendo valorada de forma depreciativa; em consequência, estar fora dos padrões sociais hegemônicos resulta em maior vulnerabilidade e exclusão social. Com isso, todo aquele indivíduo que não se enquadre nos padrões hegemônicos (raça, etnia, sexo, classe, social, gênero, geração, povos tradicionais, etc.) vive em condições menos favoráveis e passa a ser alvo habitual de preconceito e discriminação, o que resulta em exclusão da cidadania e falta de acesso e fruição a direitos considerados fundamentais, comprometendo, assim, o mínimo indispensável a uma vida digna.

Para a sociedade de massa, faz-se necessária a comunicação maciça, coletiva, que, utilizando diferentes instrumentos e técnicas, fornece mensagens de acordo com a identidade de valores dos grupos e, dando curso a diferentes pontos de vista, fomenta os interesses comuns, ora desintegrando ora criando solidariedades sociais. Já com o objetivo de analisar, em especial, a situação concreta dos grupos populacionais socialmente vulneráveis (agricultores familiares, pescadores artesanais, quilombolas, povos indígenas e seguimentos

incluídos nestes no âmbito da questão de gênero, geração, pessoas com deficiência, pessoas transgêneras, homossexuais, integrantes de grupos étnico raciais etc.), será necessário promover, com criatividade, pesquisas, programas, projetos e políticas públicas de inclusão social e acesso à cidadania através dos estudos folkcomunicaçãois.

Para Bourdieu (2013), numa formação social determinada, a cultura legítima, isto é, a cultura dotada da legitimidade dominante, é o arbitrário cultural dominante, ou seja, uma violência simbólica, na medida em que ele é desconhecido em sua verdade objetiva de arbitrário cultural e de arbitrário cultural dominante (BOURDIEU; PASSERON, 1982). A violência simbólica é a condição para a reprodução social por naturalizar e não questionar a imposição do arbitrário cultural dominante. Assim, o acesso de minorias e grupos vulneráveis, considerados socialmente invisíveis em relações de poder, à informação é importante na medida em que se constitui em um fator de resistência à violência simbólica e de mobilidade social do indivíduo, pois ter conhecimento sobre a realidade pode favorecer o acesso a melhores condições de trabalho e de vida, além de poder exercer com plenitude seus direitos de cidadão.

Já Morin (2008), alerta para as ambiguidades, negativas e positivas, da globalização. Aquelas podem ser expressas pelas condições precárias de vida de grandes parcelas da população mundial, enquanto estas se referem ao fato de sermos interligados por diversas culturas, além de podermos construir nosso próprio destino em torno de um projeto solidário e inclusivo.

Assim, o acesso à informação deve ser um processo de ampliação do universo cultural do indivíduo, uma vez que sem o contato com a realidade, uma grande parte dos brasileiros fica excluída de práticas sociais que lhes proporcionam melhor integração e condição de exercício de sua cidadania. Vale ressaltar que esse acesso não deve se limitar aos textos impressos, tradicionalmente eleitos pela elite, disponíveis para a leitura tais como jornais, revistas, livros, periódicos, etc. Atualmente, valorizam-se ações que evidenciam costumes, crenças, tradições e comportamentos, dentre outras maneiras de participação social, presentes em várias manifestações e que repercutem fortemente nas camadas mais populares e que rompem o isolamento social que a globalização impõe a comunidades periféricas.

Por possibilitar às minorias e grupos vulneráveis a apropriação de informações e conhecimentos sobre as relações de poder em que se estrutura a sociedade, através da comunicação acessível, a Folkcomunicação favorece a compreensão do processo social global. Para Bourdieu e Passeron (1982, p. 52), “o saber acaba levando ao questionamento das relações sociais, mediante um processo de conscientização do real significado dessas relações enquanto relações de poder, revelando inclusive a condição de contraditoriedade que as permeia”. Nesse contexto, a Folkcomunicação desempenha relevante papel no processo de inclusão social.

Os públicos usuários do sistema de Folkcomunicação, classificados como marginalizados, e as expressões derivadas do fenômeno da marginalidade são suscetíveis de várias significações e de conotações específicas no cotidiano e nas ciências sociais. Butler (2005) afirma que todo modo classificatório é excludente.

Em 1928, Robert Park utilizou pela primeira vez a expressão marginal em artigo sobre as migrações humanas, publicado no *American Journal of Sociology*. O migrante (estrangeiro) é conceituado como um “híbrido cultural”, um “marginal”, que compartilha da vida e das tradições culturais de dois povos distintos, mas não rompe com suas tradições e seu passado e nunca é completamente aceito devido ao preconceito racial, na nova sociedade em que está se inserindo. Considerando-se a essência das características (oposição à mudança/preconceito), o marginal é alguém que está à margem de duas sociedades e duas culturas que não se fundiram completamente.

Posteriormente, o marginal passou a ter significado pejorativo, sendo relacionado a um elemento perigoso, ligado ao mundo do crime, fora da lei, vagabundo, violento, bêbado, drogado, prostituto e ladrão; e foi utilizado para se referir aos membros de subculturas como a dos imigrantes e a minorias raciais e étnicas, além dos pobres de forma mais ampla (PERLMANN, 2007).

São aspectos importantes do surgimento e caracterização da marginalidade a influência da invasão do exterior, como ocorreu na América Latina. Segundo Quijano e Ennis (2000), dois processos históricos convergiram para produzi-la como uma entidade de espaço-tempo situada na dinâmica de poder da Modernidade: a primeira a ideia de “raça” como

estrutura biológica superior, de ordem natural, que justificava as relações de dominação; a segunda, uma uma estrutura de controle do trabalho, seus recursos e produtos que mesclava todas estruturas anteriores, da escravidão ao controle do capital.

É indispensável, portanto, a participação de pesquisadores profissionais qualificados capazes de pensar criticamente e atuar em atividades ligadas à pesquisa, desenvolvimento social e docência em questões prioritárias para a melhoria da qualidade de vida desse grupo de indivíduos, em suas múltiplas representações e em variadas formas de produção/socialização/transmissão, sem perder de vista um horizonte teórico crítico de amplitude nacional/internacional, de forma que possa contribuir com o desenvolvimento do capital intelectual.

A reflexão crítica interdisciplinar sobre as relações que permeiam o debate contemporâneo também para a garantia da igualdade e da dignidade, é constituída por estudos sobre suas relações e interfaces, que são constructos da cidadania e do combate às diversas violências nessas áreas. Neste panorama, vislumbramos como premissas ou guias norteadoras:

1. Reconhecer a contribuição da ciência interdisciplinar para o alcance de novas perspectivas em torno das garantias fundamentais e da preservação dos Direitos Humanos relacionada aos processos complexos que envolvem as diversas formas de negação de direitos: as dominações, as práticas discricionárias contra grupos sociais, as formas de controle sociais pelo Estado.
2. Pensar a sociedade como espaço simbólico em que se forjam identidades e onde se constroem estratégias de opressão, mas também de libertação, por isso reconhece os sujeitos históricos, suas novas práticas de liberdade e expressão das subjetividades.
3. Discutir o problema da *diferença* e seu papel na construção da cidadania a partir de estudos culturais e históricos com ênfase no debate contemporâneo sobre as intersubjetividades, memória social, identidade, gênero, sexualidade, diversidade cultural, imaginário, discurso e linguagem, tecnologias, expressões artísticas, modos de fazer e de saber, assim como as configurações sociais e as práticas simbólicas de comunidades tradicionais indígenas e ou quilombolas, afrodescendentes, imigrantes, pessoas com necessidades especiais, assim como as relações de poder nas zonas rurais para o fortalecimento de seus saberes e práticas.

4. Estimular, também, pesquisas que identificam as dinâmicas das manifestações artísticas – cinema, teatro, literatura, televisão – e das práticas culturais e formas de sociabilidade urbana na diversidade das rebeldias no espaço público, como festas populares, intervenções urbanas e nas redes sociais; e, finalmente, as pesquisas que analisam as formas de comportamento e de relacionamento interpessoais e nos redimensionamentos do viver em sociedade.

Questionamos ainda, qual é, em sua dimensão epistêmica, o significado das práticas comunicacionais como ferramentas de subjetivação e de produção da cidadania em meio aos processos de modernização e ocidentalização do mundo? É neste trânsito entre a crítica da busca a cidadania e inclusão social e a comunicação dos marginalizados que temos optado em trabalhar em prol do que pode ser a comunicação neste século XXI, como os saberes no campo da cultura e do desenvolvimento de áreas urbanas e rurais, traduz-se em dinâmicas comunicacionais e o que as distintas práticas culturais da sociedade civil têm a ver com as distintas demandas por uma vida mais subjetiva.

A problematização acadêmica configura-se como ambiência acadêmica de circulação entre questões da teoria folkcomunicacional e dos estudos culturais, desponta como um dos cenários brasileiros em que os estudos em Folkcomunicação vêm se desenvolvendo no ensino de graduação e de pós-graduação. Desta forma, debater as relações entre comunicação, cultura e arte, contribuindo para o desenvolvimento de um pensamento crítico, considerando distintas realidades socioeconômicas e culturais que constituem as extensas geografias brasileiras e latino-americanas.

Para o avanço das pesquisas na área da comunicação e da cultura na região Nordeste, em especial para os alunos, professores e pesquisadores da área de comunicação, a Folkcomunicação refere-se a um aporte teórico capaz de auxiliar a análise e a compreensão de que a cultura da mídia e a cultura popular hoje são praticamente indissociáveis e de que é necessário atualizar a abordagem das manifestações da cultura popular em consonância com as novas tecnologias da comunicação.

Breve análise de casos: a perspectiva decolonial e o ciberativismo

Como ilustração deste debate sobre a visibilidade dos grupos marginalizados e sua atuação mediante o ciberativismo, recorreremos a dois exemplos que se destacam através das redes sociais. A visualização das postagens estruturadas da maranhense Pablllo Vittar, de 22 anos, *drag queen* de grande repercussão no *YouTube*, cujo clipe *Todo Dia* ultrapassou a marca de 13 milhões de visualizações.

Trata-se de um fenômeno que torna-se válido analisar. Segundo Viana (2017), Pablllo Vittar iniciou sua carreira marcado pela composição de paródias e em 2015, lançando música e clipe para *Open Bar*, rodou o Brasil em shows e conquistou a simpatia da audiência LGBT. Logo, passou a integrar a banda do programa televisivo *Amor & Sexo*, da Rede Globo. Em janeiro do ano seguinte lançou o primeiro álbum original, *Vai Passar Mal*. Grande parte deste sucesso é devido por sua atuação nas redes sociais, alcançando visibilidade mais além da comunicação de massa e se conectando com públicos altamente segmentados. Em entrevista à revista *Trip* a cantora performática faz comentário sobre o seu nome e a sua arte, conforme citamos abaixo:

Eu gosto do meu nome, eu gosto de ser chamado de Pablllo. Eu acho que se eu colocar um nome feminino eu não vou tá passando verdade na minha arte. E quando você faz uma arte, você tem que passar verdade para as pessoas te verem transparente, se aproximarem e de alguma forma se conectarem com o que você tá fazendo. Isso é legal. Então eu sou o Pablo até morrer. A Pablllo, como vocês quiserem chamar (VIEIRA, 2017, s. p.)

Como argumenta a crítica Claire Bishop (2012), em um mundo onde todos podem expor seus pontos de vista para todos, não estamos diante de um empoderamento de massa, mas sim de uma corrente interminável de egos banais.

O segundo exemplo transcende o discurso crítico, a artista *@ex_miss_febem* (Aleta Valente, do Rio de Janeiro) seus *posts* no *Instagram*. São fotografias sobre o corpo feminino, pelos, aborto, menstruação, o papel da mãe solteira, a vida na periferia, etc... Temas que têm proporcionado discussões entre os internautas, onde muitos buscam opiniões sobre questões pessoais, bem como críticas e censuras às suas postagens, indo além do mero ato de assistir.

Em ambos casos, percebemos como grupos marginalizados se apropriam da cibercultura, como forma de ganhar visibilidade midiática, num contexto de cibercultura. Relembrando, esta pode ser entendida como:

[um] conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, cut-up de informação a partir das tecnologias digitais. Esse processo de “remixagem” começa com o pós-modernismo, ganha contornos planetários com a globalização e atinge seu apogeu com as novas mídias (Manovich). As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços nesse início de século XXI trazendo uma nova configuração cultural que chamaremos aqui de “ciber-cultura-remix” (LEMOS, 2005, p. 1)

Portanto é neste contexto de empoderamento, não ausente de conflitos todavia, que vislumbramos a possibilidade de analisar os movimentos ciberativistas e as expressões de grupos marginalizados sob a ótica da Folkcomunicação.

A Internet é uma ferramenta de utilidade única para melhorar as comunicações de ponte para grupos marginalizados. Este estudo também apoia as afirmações de que a Internet difere da comunicação presencial, permitindo oportunidades de *networking* mais diversas. Grupos marginalizados usam a Internet para diversificar suas redes sociais. A Internet pode ser realmente um recurso do século XXI para reduzir a desigualdade se os grupos marginalizados puderem usar a *Web* para aumentar a heterogeneidade da rede. O trabalho futuro é necessário para determinar se a diversificação social realmente se traduz em melhorias no capital social, como encontrado nesse estudo e como vemos abaixo as figuras de destaque veiculadas na Internet, isso representa um benefício emocionante das comunicações digitais para aqueles indivíduos marginalizados organizados na perspectiva do ciberativismo.

Com base nestes casos é que vislumbramos a análise da cultura transformada pela emergência das tecnologias digitais de informação e comunicação como um novo espaço de construção de identidades, principalmente de grupos socialmente marginalizados, na perspectiva da decolonialidade.

O conceito de colonialidade do Ser surgiu no decurso de conversas tidas por um grupo de acadêmicos da América Latina e dos Estados Unidos, acerca da relação entre a modernidade e a experiência colonial. Ao inventar este termo, seguiram as passadas de estudiosos como Enrique Dussel e o sociólogo peruano Aníbal Quijano, que propuseram uma explicação da modernidade e uma concepção de poder intrinsecamente ligadas à experiência colonial (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 84)

Já Dussel (2005), ao traçar as origens histórico-culturais do eurocentrismo e relacioná-las com o advento da Modernidade, descreve o chamado mito da “Modernidade”, caracterizado pela crença da superioridade europeia e de sua práxis colonizadora impulsionada como força moral em prol do desenvolvimento dos povos bárbaros e ainda que a guisa de “inevitáveis sofrimentos” por parte destes últimos. Assim,

Por tudo isso, se se pretende a superação da “Modernidade”, será necessário negar a negação do mito da Modernidade. Para tanto, a “outra-face” negada e vitimada da “Modernidade” deve primeiramente descobrir-se “inocente”: é a “vítima inocente” do sacrifício ritual, que ao descobrir-se inocente julga a “Modernidade” como culpada da violência sacrificadora, conquistadora originária, constitutiva, essencial. Ao negar a inocência da “Modernidade” e ao afirmar a Alteridade do “Outro”, negado antes como vítima culpada, permite “des-cobrir” pela primeira vez a “outra-face” oculta e essencial à “Modernidade”: o mundo periférico colonial, o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (as “vítimas” da “Modernidade”) como vítimas de um ato irracional (como contradição do ideal racional da própria “Modernidade”) (DUSSEL, 2005, p. 30-31)

Uma vez que a principal característica deste espaço social e político de representação é a fragmentação do tempo e do espaço, cabe falar da desterritorialização da cultura, não mais vinculada à localização física e geográfica. Como exemplo, jovens do interior do Brasil podem se identificar de forma intensa com a cultura anime/mangá/cosplay apropriando-se destes elementos culturais característicos da sociedade japonesa, justamente pelo acesso via redes digitais.

Ao mesmo tempo, o ciberespaço, por constituir-se também como espaço político é marcado por segregações, seja na questão do acesso do ponto de vista tecnológico (acesso à rede, a dispositivos), como do ponto de vista cognitivo, como da constituição de meios hegemônicos dentro da cultura digital (por exemplo, em que medida resultados do Google e presença em redes sociais como Google visibilizam/ocultam a presença de certos grupos e discursos?). Assim, o ciberativismo se entende como

uma forma de ativismo que passa a ter como espaço de atuação a Internet. Prática que passa a se constituir em um momento em que emergem discussões sobre o período em que vivemos, em sociedades que mudaram significativamente quando ruíram muitas das barreiras para a comunicação. Muitas, mas não todas, porque em um mundo que se diz globalizado ainda há muitas comunidades que têm acesso a pouca ou nenhuma tecnologia e permanecem fora de quase todos os processos de trocas, sejam elas econômicas ou culturais (NASI; RADDATZ, 2009, p. 2)

A partir destas premissas, os processos de mediação digital, incluindo aqui a possibilidade de narrativas que transcendam várias mídias digitais (transmediatismo) podem ser utilizados para a constituição das identidades dos referidos grupos de exclusão.

Neste sentido, a cultura digital tem possibilitado a criação de espaços de expressão, com o aumento da visibilidade destes grupos na esfera pública e para sua inserção num debate público mais amplo. Como exemplo, o clipe de Anita com Pablo Vittar (“Mostra sua cara”) evidencia a politização da cultura LGBT/trans, como forma alternativa de

agir/pensar/sentir, em oposição direta a uma cultura tradicional/hegemônica/conservadora. É neste sentido então que entendemos os revides decoloniais no contexto da cultural digital, como forma de resistência/luta e para o qual os conceitos de ativismo digital e inclusão social/digital se mostram pertinentes.

Imagem 1: Pablo Vittar e a cantora Anita



Fonte: folhauol.com.br

Imagem 2: Aleta Valente



Fonte: geraldthomasblog.wordpress

Figura 4: Aleta Valente



Fonte: imgrum.org

Estabelecendo um campo de pesquisa: proposta de ação

As pesquisas de fenômenos sociais, na perspectiva teórica da Folkcomunicação, mostram, desde sua origem, interesse sobre o potencial emancipatório das manifestações populares e a contribuição destes modos de expressão para o desenvolvimento das comunidades.

Atentos a essa relação, nossa proposta tem como foco nas redes sociais, ciberativismos e grupos marginalizados e o seu reconhecimento do campo a partir da teoria folkcomunicacional. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar que objetiva reunir diferentes olhares sobre a contribuição da Folkcomunicação e da inclusão social aos debates na interface entre comunicação e cultura, portanto, o objetivo é apresentar à comunidade acadêmica brasileira de Ciências da Comunicação e de áreas afins uma discussão premente sobre questões que afetam a sociedade brasileira contemporânea.

Através da reunião de pesquisadores, professores, estudantes, comunidades artística e jornalística, atores sociais ligados ao campo da cultura em torno da pesquisa das transformações da cultura popular e dos processos de comunicação nas manifestações populares, identificando os sistemas que as configuram enquanto espaços de crítica social, entretenimento cultural e de celebração cívica, além de analisar criticamente como a indústria midiática catalisando tais modos de pensar, sentir e agir dos grupos sociais e das comunidades.

Nesse âmbito, propomos desenvolver e promover reflexões sobre a crítica comunicacional e cultural na América Latina na interface produtiva entre estudos folkcomunicacionais, a cidadania e a inclusão. Para isso, seria necessário divulgar a teoria da

Folkcomunicação entre docentes e alunos de graduação e de pós-graduação no Brasil, além de outros públicos direta ou indiretamente envolvidos com os temas da cultura e da comunicação; fomentar a pesquisa em rede e de caráter colaborativo entre pesquisadores, programas de pós-graduação e grupos de pesquisa relacionados aos campos da comunicação e da cultura em suas atividades de pesquisa e de divulgação científica e cultural em todo o país e na América Latina; incluir comunidades tradicionais e marginalizadas no ambiente da comunidade científica e atribuir a estas comunidades o papel proativo das práticas culturais e comunicacionais.

Os produtos da cultura e as manifestações das minorias sociais e classes subalternas contemplam uma visibilidade nos cenários de representação e podem ser configuradas como circuito de comunicação e informação que incluem, principalmente a capacidade de sentir, pensar e posteriormente agir, características indispensáveis para qualquer reflexão e movimentação cultural. É nesta intersecção, das redes sociais digitais e do ciberativismo que vislumbramos um campo rico de pesquisa para a Folkcomunicação.

Referências

BISHOP, Claire. **Participation and Spectacle: where are we now?** In: THOMPSON, Nato (Ed.). *Living as Form, Participation and Spectacle: Where are we now?*. New York: Creative Time; Cambridge, Mass.; London: MIT Press, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Trad. de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 2013.

BUTLER, Judith. **Gender as Performance: An Interview with Judith Butler.** *Radical Philosophy*, 67, Summer 1994. Disponível em: <http://www.theory.org.uk/but-int1.htm>. Acesso em: 23 jan. 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo.** Brasiliense, 1983.

DUSSEL, Enrique. Modernidade, Europa e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D1200.dir/5_Dussel.pdf. Acesso em: 1 out. 2017.

LEMONS, André. **Ciber-cultura remix**. São Paulo: Itaú Cultural, 2005. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, mar. 2008, p. 71-114. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/pdf/695>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Por uma outra globalização. IN: MORAES, Dênis de (org). **Por uma outra Comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.

MORIN, Edgar. **O Método V: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

NASI, Lara; RADDATZ, Vera Lúcia Spaciel. Ciberativismo: espaço de comunicação e militância na Internet. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1536-1.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

PERLMAN, Janice. **O Mito da marginalidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2007.

QUIJANO, Anibal; ENNIS, Michael. Coloniality of power, Eurocentrism and Latin America. **Nepantla: Views from South**, v. 1, n3., pp. 533-580, 2000. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/23906/pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

VIANA, Thiago Mena Barreto. “Sou feliz, sou *drag*, sou bonita, bebê”: negociações entre o corpo e a música pop. In: **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 29 jun.-1 jul. de 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-2010-1.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

VIEIRA, Bianca. Ninguém tomba Pablllo Vittar. **TRIP**. fev. de 2017. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/pablllo-vittar-drag-queen-genero-musica-vai-passar-mal-lgbt-lgbtfbia-carnaval-amor-e-sexo>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

Artigo recebido em: 03/12/2017

Aceito em: 18/12/2017